

APRESENTAÇÃO

Atividade repleta de informações e análises a respeito dos principais acordos e discussões sobre os problemas climáticos mundiais. Aqui tem de tudo: Rio 92, Protocolo de Kyoto, Acordo de Paris, IPCC de 2014... Ah, nesta atividade discuto também a saída dos EUA do Acordo de Paris. Enfim, queimem seus neurônios e divirtam-se!

P.S: Só para os fortes!

TEXTO 1 (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 4 DE NOVEMBRO DE 2015 – ANTES DA APROVAÇÃO DO ACORDO DE PARIS))

COMO EVITAR O CAOS CLIMÁTICO?

Dois graus a mais: já não é demais?

Desde a Conferência de Copenhague, em 2009, a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima tenta limitar o aquecimento do planeta a 2 °C. Esse objetivo orientará as negociações de Paris em torno da redução das emissões de gases do efeito estufa. Mas a modificação do clima já pode ter tido consequências extremamente danosas

Por: *Eric Klinenberg*

Limitar o aquecimento global a 2 °C em relação ao período pré-industrial: essa ideia se apoia nos trabalhos do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que estuda diversos cenários e suas consequências. Evocado desde o final dos anos 1990, esse objetivo começou a ser discutido na Convenção das Nações Unidas em 2000. Parecia capaz de impedir danos graves ou irreversíveis em escala global. Todas as partes adotaram a cifra recomendada, da qual também tem conhecimento o grande público.

O último relatório do IPCC, publicado em 2014, avalia em 0,85 °C o aumento das temperaturas desde 1880 – aproximação razoável da época pré-industrial. Isso quer dizer que já atingimos um patamar não negligenciável do aquecimento admissível. A maior parte das regiões do globo foi afetada. Na agricultura, por exemplo, observam-se quedas de rendimento para o milho e o trigo; e, ao contrário, aumento da produção em certas regiões de latitude elevada e maior índice de mortalidade de árvores em outras.

A tendência atual de nossas emissões de gases do efeito estufa* aponta para uma elevação de pelo menos 4 °C até o fim deste século. Segundo um prognóstico amplamente aceito, se esse cenário se concretizar, nosso mundo virará de cabeça para baixo. A segurança alimentar estará comprometida, pois a agricultura dificilmente se adaptará, não importam os novos progressos técnicos que possam surgir. A acentuada elevação do nível dos oceanos e o agravamento dos riscos naturais tornarão bem difíceis nossas condições de vida.

Detenhamo-nos, porém, na hipótese de um mundo cujo clima só seria aquecido em 2 °C. O último relatório do IPCC permite descrever suas principais características. O

equilíbrio entre as regiões se reconfiguraria, pois as consequências da mudança não seriam homogêneas no espaço. Sem dúvida, poderíamos aguardar efeitos positivos, principalmente para a agricultura dos países nórdicos; mas o balanço global, infelizmente, seria negativo. Inúmeras repercussões, graças a esforços de adaptação, talvez permanecessem moderadas; outras, no entanto, se revelariam francamente preocupantes.

Algumas regiões, como a bacia mediterrânea, sofreriam bastante por causa da diminuição dos recursos hídricos. Durante a transição para o novo clima, a rapidez da mudança ultrapassaria a capacidade de evolução de certas espécies. As árvores, ou mesmo algumas plantas herbáceas, não conseguiriam acompanhar o ritmo. Os ecossistemas já ameaçados atualmente sofreriam prejuízos irreversíveis, como o gelo do Ártico, os recifes de coral tropicais, as plantas e as geleiras das montanhas altas. O agravamento da variedade climática e, portanto, extremos de todos os tipos (secas, chuvas fortes, inundações) suscitariam inúmeras dificuldades. Mesmo com uma elevação limitada a 45 centímetros, o mar invadiria as zonas costeiras baixas.

Dependentes de técnicas duvidosas

O IPCC julga possível estabilizar o clima nesse nível, sob determinadas condições. Seria necessário, para tanto, reduzir drasticamente nossas emissões de gases do efeito estufa a curto prazo, de modo a termos uma sociedade neutra em carbono por volta de 2050, antes de chegarmos a emissões globalmente negativas no fim do século. Chegar a emissões negativas implica recorrer a processos que consumam mais do que liberem carbono atmosférico: reflorestamento, geração de eletricidade proveniente de biomassa com sequestro de carbono etc. A maior parte das soluções exige técnicas que ainda não existem ou ainda não foram utilizadas em grande escala. Ou seja: adotar medidas de redução das emissões torna a humanidade fortemente dependente de técnicas que ainda vão ser desenvolvidas – uma aposta arriscada.

Os dados do problema se complicam ainda mais quando levamos em conta as incertezas associadas a determinados fenômenos, como o derretimento total da calota de gelo da Groenlândia, exemplo emblemático dos riscos a que está sujeito o clima. Segundo o IPCC, “um aquecimento contínuo, superior a certo patamar acima dos níveis pré-industriais, provocaria o desaparecimento quase completo da calota da Groenlândia em um milênio”. Ora, não sabemos com precisão qual é esse patamar. Ele se situa provavelmente entre 1 °C e 2 °C – e esse processo irreversível faria os oceanos subir em média 7 metros!

Considerando os riscos nada negligenciáveis que o cenário de “mais 2 °C” implica, alguns Estados insulares pequenos, por exemplo, sugerem limitar o aquecimento a 1,5 °C. Os cientistas ainda não avaliaram esse objetivo, mas os elementos conhecidos permitem calcular que as regiões polares, as zonas costeiras baixas e as montanhas altas seriam bem menos afetadas. A segurança alimentar ficaria globalmente garantida, sobretudo na África. Compreende-se que os países mais ameaçados queiram conter o aquecimento nesse nível; mas semelhante solução exigiria um esforço bem maior de limitação das emissões, geraria custos enormes a curto prazo e acentuaria nossa dependência de técnicas por inventar ou aperfeiçoar. Um problema crucial desafia os cientistas: o da existência de efeitos de limiar irreversíveis entre 1,5 °C e 2 °C.

A “comunidade internacional” terá de tomar decisões rapidamente, levando em conta essas incertezas. Não obstante, o patamar de 2 °C parece hoje mais um limite a

respeitar do que um objetivo a atingir. Melhor mesmo seria nem sequer chegar perto dele...

*Os **gases do efeito estufa** são aqueles que dificultam ou impedem a dispersão para o espaço da radiação solar que é refletida pela Terra. Grande parte destes gases é produzida pelos seres humanos em diversas atividades, principalmente pela queima de combustíveis fósseis, atividades industriais e queimadas de florestas. Ao segurar este calor em nosso planeta, estes gases estão também provocando o aquecimento global. **Principais gases do Efeito Estufa:** Dióxido de Carbono - CO₂; Gás Metano - CH₄; Óxido Nitroso - N₂O; Perfluorcarbonetos; Hexafluoreto de Enxofre - SF₆.

Fonte: http://www.suapesquisa.com/efeitoestufa/gases_do_efeito_estufa.htm

QUESTÃO 1

De acordo **com a abordagem do autor** do texto acima, podemos concluir que:

- a) Para o autor, o limite de aquecimento estabelecido pelo IPCC (+ 2º C) é um exagero. Isso porque, segundo ele, o aumento na temperatura média do Planeta desde o fim da era Pré-Industrial foi irrisório.
- b) Os efeitos do aquecimento global se fazem sentir de maneira desigual em nosso Planeta, prejudicando sobretudo a economia dos países que se localizam em regiões de elevadas latitudes.
- c) Se a tendência atual de emissão de gases de efeito estufa continuar, o aquecimento global em torno de 4º C trará consequências catastróficas para a vida em nosso Planeta. Mas, se o limite de 2º C propugnado pelo IPCC for alcançado, seria possível manter um nível de equilíbrio ambiental satisfatório e homogêneo, além de um avanço econômico sustentável e positivo em âmbito global.
- d) O avanço tecnológico verificado nos últimos anos é uma aposta segura pois, por si só, seria capaz de neutralizar a emissão de gases de efeito estufa e reverter o quadro atual de aquecimento a curto ou médio prazo.
- e) O limite de aumento da temperatura em torno de 2º C não é seguro para garantir a sustentabilidade do Planeta como um todo. Portanto, tal baliza não deve ser tomada como um objetivo, uma vez que, sendo alcançada, traria consequências negativas para algumas regiões de nosso Planeta.

TEXTO 2 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 12 DE DEZEMBRO DE 2015)

195 países aprovam o Acordo de Paris, primeiro marco universal para o clima

Após 13 dias de negociações, documento da 21ª Conferência do Clima (COP21) das Nações Unidas é "legalmente vinculante" e propõe US\$ 100 bi por ano para limitar temperatura a 1,5ºC

Andrei Netto e Giovana Girardi

Entre muitos aplausos e lágrimas, ministros de 195 países aprovaram na noite de sábado o "Acordo de Paris", primeiro marco jurídico universal de luta contra o

aquecimento global. O documento histórico da 21ª Conferência do Clima (COP21) das Nações Unidas terá caráter "legalmente vinculante", e define, pela primeira vez um acordo válido para todas as nações, que terão de organizar estratégias para limitar o aumento médio da temperatura da Terra a 1,5°C até 2100. O acordo prevê US\$ 100 bilhões por ano para projetos de adaptação dos efeitos do aquecimento a partir de 2020. Trata-se do mais amplo entendimento na área desde o Protocolo de Kyoto, assinado em 1997.

Apesar de não fixar metas globais numéricas de redução de emissões de gases de efeito estufa, o documento estabelece "limitar o aumento da temperatura média global a bem abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais, e manter esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C".

E diz que, para segurar o aquecimento do planeta a este nível, é preciso alcançar o pico de emissões o mais rápido possível e obter um balanço entre emissões e remoções desses gases na segunda metade do século. Na prática, isso significa ter emissões líquidas zero – tudo que continuar sendo emitido até lá tem de ser retirado da atmosfera de algum modo, seja com florestas ou com mecanismos de captura de carbono. A inclusão desse detalhamento foi vista como um bom sinal em relação a versões anteriores do texto, que tinham sido criticadas por estarem vagas demais, inconsistentes com a meta. Essa cláusula deixa o caminho para o 1,5°C mais clara.

[...]

Finanças

Sobre quem vai pagar a conta, o documento traz como decisão que os países desenvolvidos, como os Estados Unidos e os da União Europeia, devem prover recursos financeiros para ajudar países em desenvolvimento a ter ações de mitigação e adaptação. E diz que "outras partes são convidadas a prover ou a continuar provendo tal suporte voluntariamente". Essa foi a solução encontrada para um dos pontos cruciais de debate durante as duas semanas de conferência. Os países desenvolvidos queriam aumentar a base de doadores. Os em desenvolvimento topavam, no máximo, uma participação voluntária em base sul-sul. Mas as nações africanas não se sentiam confortáveis com isso.

A decisão é que os ricos deverão contribuir com US\$ 100 bilhões por ano a partir de 2020 para projetos de adaptação e de mitigação dos efeitos das mudanças climáticas a serem empreendidos pelos países em desenvolvimento. O volume, considerado baixo perante uma necessidade que especialistas calculam ser de trilhões de dólares, deverá ser revisado.

Antes de 2025, diz o texto, "as partes devem estabelecer um novo objetivo coletivo a partir de um piso de US\$ 100 bilhões." O valor será aplicado em organismos como o Fundo Verde, o Mecanismo Global de Meio Ambiente, o Fundo dos Países Menos Desenvolvidos e o Fundo Especial para Mudanças Climáticas.

"Este texto contém os principais avanços, que muitos de nós não acreditavam possível. Este acordo é diferenciado, justo, dinâmico e legalmente vinculante", afirmou Laurent Fabius, que se emocionou ao lembrar os delegados governamentais de conferências anteriores, que morreram "sem poder conhecer este dia". "O documento confirma nosso objetivo central, vital, de limitar o aumento da temperatura média da Terra bem abaixo de 2°C, e se esforçar para limitá-lo a 1,5°C."

Além de Fabius, o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, discursou e lembrou a responsabilidade histórica dos delegados. "O mundo inteiro está nos

observando", advertiu. "O tempo chegou de deixar os interesses nacionais de lado e agir nos interesses globais."

[...]

QUESTÃO 2

A reportagem acima trata das questões que ficaram definidas no Acordo de Paris (2015). Sobre tais questões, assinale a ERRADA.

- a) O acordo possui caráter vinculante, ou seja, os países signatários são obrigados a adotar suas medidas.
- b) Para alcançar seus objetivos, as cláusulas do acordo preveem metas que estabelecem o quanto as emissões de gases de efeito estufa serão reduzidas em cada país.
- c) O Acordo de Paris estabelece como objetivo o limite de aumento da temperatura -até 2100 - de 1,5º C em relação aos níveis pré-industriais.
- d) Fica estabelecido que, a partir de 2020, os países ricos deverão contribuir, anualmente, com o montante de, no mínimo, U\$ 100 bilhões por ano para projetos que tentem diminuir os impactos globais do aquecimento.
- e) O montante destinado aos projetos de adaptação e mitigação das mudanças climáticas será revisto até 2025 e pode incluir como doadores - por enquanto voluntários - outros países além dos Estados Unidos e os da União Europeia.

TEXTO 3 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1º DE JUNHO DE 2017)

Trump tira EUA de acordo climático e quer renegociação; UE e China rejeitam

Estados Unidos se juntam a Síria e Nicarágua no minúsculo grupo que não aderiu ao Acordo de Paris, assinado em 2015 por 195 nações; irritados, líderes europeus e chineses avisam presidente americano que não aceitarão revisões no pacto

Cláudia Trevisan e Jamil Chade

Com um discurso ultranacionalista, no qual descreveu o Acordo de Paris como uma conspiração global para prejudicar a economia dos EUA, o presidente Donald Trump anunciou nesta quinta-feira sua decisão de retirar o país do tratado que tem a adesão de 195 nações. Ele se junta a Síria e Nicarágua no minúsculo grupo que rejeitou o pacto de dezembro de 2015. Trump propôs uma renegociação, rejeitada pela Europa e China.

"Nós vamos começar a negociar e ver se nós podemos fazer um negócio justo. Se nós pudermos, será ótimo. Se não pudermos, tudo bem", disse.

Assim que o anúncio foi feito, a chanceler alemã, Angela Merkel, telefonou a Trump para demonstrar sua insatisfação e deixar claro que os europeus não atenderiam ao pedido de renegociação dos americanos. Ao terminar a chamada, disparou ligações

para os demais líderes europeus, entre eles o francês Emmanuel Macron, e emitiu uma nota conjunta garantindo que o tratado não será reaberto.

“Mais do que nunca trabalharemos por políticas globais para salvar nosso planeta”, disse o governo de Merkel, por meio de uma nota. “Alemanha e França vão promover novas iniciativas para garantir que o acordo seja um sucesso”, insistiu.

Para Itália, França e Alemanha, o acordo de 2015 é “irreversível” e “não pode ser renegociado, já que é um instrumento vital para nosso planeta, sociedades e economias”. O premiê chinês, Li Keqiang, disse que seu país “continua comprometido” com o Acordo de Paris e garantiu que o promoverá.

Rejeitado de maneira quase unânime por líderes mundiais, o movimento de Trump cumpre uma das promessas de campanha a seus eleitores do interior americano. Todo o pronunciamento refletiu a ideia da “América em Primeiro Lugar” e demonstrou a falta de disposição do presidente de liderar o mundo em questões multilaterais.

“Esse acordo diz respeito menos ao clima e mais a outros países ganhando vantagens financeiras sobre os EUA. O restante do mundo aplaudiu quando assinamos o Acordo de Paris. Eles enlouqueceram, eles ficaram tão felizes, pela simples razão de que ele colocou nosso país, os EUA, o qual todos amamos, em uma muito, muito grande desvantagem econômica”, afirmou.

Em seguida, alimentou uma teoria conspiratória: “Um cínico diria que a razão óbvia para os concorrentes econômicos e seu desejo ver nossa permanência no acordo é que nós continuaríamos a sofrer essa grande ferida econômica autoimposta”.

“O fato de que o Acordo de Paris prejudica os EUA, enquanto fortalece alguns dos maiores poluidores do mundo deveria dissipar qualquer dúvida sobre a real razão pela qual lobistas estrangeiros querem manter nosso país magnífico amarrado e comprometido com esse acordo: é para dar a seus países vantagem sobre os EUA.”

A decisão representou uma vitória dos extremistas de direita na Casa Branca, representados pelo estrategista-chefe do presidente, Steve Bannon. A retirada do Acordo de Paris enfrentava resistência de Ivanka Trump e de seu marido, Jared Kushner, que estão entre os mais influentes conselheiros do presidente. Além deles, outro derrotado ontem foi o secretário de Estado, Rex Tillerson, favorável à permanência no acordo climático.

A maioria dos republicanos aplaudiu a decisão, mas alguns integrantes do partido a lamentaram. O deputado Carlos Curbelo, que representa o sul da Flórida, disse que seu distrito já sofre os efeitos do aquecimento global na elevação do nível do mar.

Ataque à ciência

Professor da Universidade de Michigan que participou como observador das discussões do Acordo em Paris, Paul Edwards, disse que a decisão de Trump representa uma renúncia do papel de liderança global dos EUA e um ataque ao bom senso. “Ele elevou teorias conspiratórias que atacam a ciência ao patamar de políticas de Estado”, observou.

Em sua avaliação, Estados como a Califórnia e Nova York terão papel fundamental no esforço de redução de emissões. “A Califórnia vai resistir a esse curso de ação equivocado e insano”, disse o governador Jerry Brown logo depois do discurso de Trump.

“Fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não os de Paris”, declarou o presidente. Minutos depois, o prefeito da cidade, o democrata Bill Peduto, respondeu no Twitter: “Como prefeito de Pittsburgh, eu posso assegurar a vocês que nós vamos seguir os princípios do Acordo de Paris para nosso povo, nossa economia e futuro”.

QUESTÃO 3

De acordo com as informações da reportagem acima, assinale a alternativa ERRADA.

- a) Num pronunciamento ultranacionalista, o presidente norte-americano rompeu com o Acordo de Paris por considerá-lo prejudicial aos interesses econômicos dos EUA e defendeu uma nova negociação entre os países.
- b) Os países da União Europeia e a China opuseram-se à decisão dos EUA e recusaram a proposta de rediscussão do Acordo de Paris.
- c) Seguindo a promessa de campanha de colocar a “América em primeiro lugar”, Trump rompeu com o Acordo de Paris e conseguiu o apoio irrestrito dos membros de seu partido (o Republicano) e o consentimento dos governadores de todos os estados de seu país.
- d) Ao abandonar o acordo climático internacional de 2015, os EUA juntaram-se à Nicarágua e à Síria, países não signatários que vinham relutando a aceitar as deliberações tomadas em Paris naquele mesmo ano.
- e) Não obstante o relativo apoio interno, a decisão de Trump foi rechaçada pela “comunidade internacional” e demonstra a falta de disposição do presidente em liderar acordos multilaterais.

TEXTO 4 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 19 DE JUNHO DE 2017)

A Convenção do Clima [Rio 92] 25 anos depois

Com suas desastradas decisões o presidente Trump conseguiu apenas
isolar os EUA

José Goldemberg*

Em junho de 1992 foi assinada no Rio de Janeiro a Convenção do Clima, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Rio 92, com a presença recorde de mais de cem chefes de Estado, incluindo o presidente dos EUA, e representantes de 179 países. Essa convenção foi o resultado de intensas negociações que se iniciaram no fim do governo Sarney, em 1989, e seguiram no governo Collor a partir de 1990.

O objetivo da Convenção do Clima, que é um tratado internacional, é estabilizar a composição da atmosfera e evitar que as atividades humanas interfiram de forma prejudicial e permanente no clima da Terra.

[...]

Preocupações com a composição da atmosfera não faziam parte [das atividades e discussões sobre o Meio Ambiente] até 1992, quando, sob a influência de novas descobertas científicas, se tornou claro que a queima de combustíveis fósseis em grande

escala lançava na atmosfera quantidades tão grandes de gases que estavam mudando a sua composição.

[...]

Se a quantidade de carbono na atmosfera aumenta, a Terra se torna mais quente, o que pode mudar muito as condições em que vivemos. E isso está acontecendo. Desde o início da revolução industrial, há dois séculos, a temperatura média já subiu mais de um grau pelo fato de a fração de dióxido de carbono na atmosfera ter quase dobrado.

Como os gases responsáveis pelo aquecimento global não respeitam fronteiras, era indispensável a colaboração de todos os países para enfrentar o problema. Esse foi o objetivo da Rio 92. A conferência foi um sucesso graças ao enorme esforço de vários governos, entre os quais o do Brasil, que não só a sediou, como foi extremamente atuante em convencer os grandes países industrializados (os principais emissores dos gases poluentes) a virem ao Rio de Janeiro e assinarem a convenção.

Passados 25 anos da assinatura, esta é uma boa ocasião para avaliar o seu sucesso. Há duas formas de fazê-lo: do ponto de vista de governos e do ponto de vista da sociedade.

Do ponto de vista dos governos, os progressos alcançados foram insatisfatórios, apesar das inúmeras tentativas feitas. O Protocolo de Kyoto, em 1997, tentou “dar dentes” à convenção, estabelecendo metas quantitativas e obrigatórias de redução das emissões para os países industrializados e isentando de metas os países em desenvolvimento. Não deu certo! A China, considerada um país em desenvolvimento, era um emissor modesto em 1997 e passou a ser o maior emissor mundial.

A Conferência de Paris, em 2015, tentou uma nova solução: cada país fixa voluntariamente suas metas de redução, mas, uma vez apresentadas, elas se tornam mandatárias. O conjunto de compromissos que os países submeteram ao Secretariado da Convenção do Clima após a Conferência de Paris não evitará um aquecimento gradativo do planeta, mas é um passo importante para reduzir esse aquecimento.

O governo brasileiro, desde 1992, apesar de ter sediado e apoiado o grande evento que foi a adoção da Convenção do Clima, adotou políticas contraditórias na sua implementação, usando o batido argumento de que o desenvolvimento econômico tem precedência sobre a proteção ambiental e que caberia às nações industrializadas arcar com os custos e as ações necessárias para reduzir as emissões. [...]

Os EUA – segundo emissor mundial, depois da China – não pretendem permanecer no Acordo de Paris, mas, na prática, as grandes indústrias americanas e muitos Estados importantes, como a Califórnia, já se programaram para as reduções, que serão efetivadas em razão do avanço inexorável da tecnologia e da adoção de energias renováveis (solar, eólica e outras). O que o presidente Trump conseguiu com suas desastradas decisões foi isolar os EUA, o que estimulou os demais países a redobrar seus esforços para reduzir as emissões.

Do ponto de vista da sociedade, a Convenção do Clima pode ser considerada um grande sucesso, por ter promovido a conscientização de um grave problema ambiental, cuja solução exige mudanças de processos produtivos, com redução do uso de combustíveis fósseis, e até dos nossos hábitos de consumo.

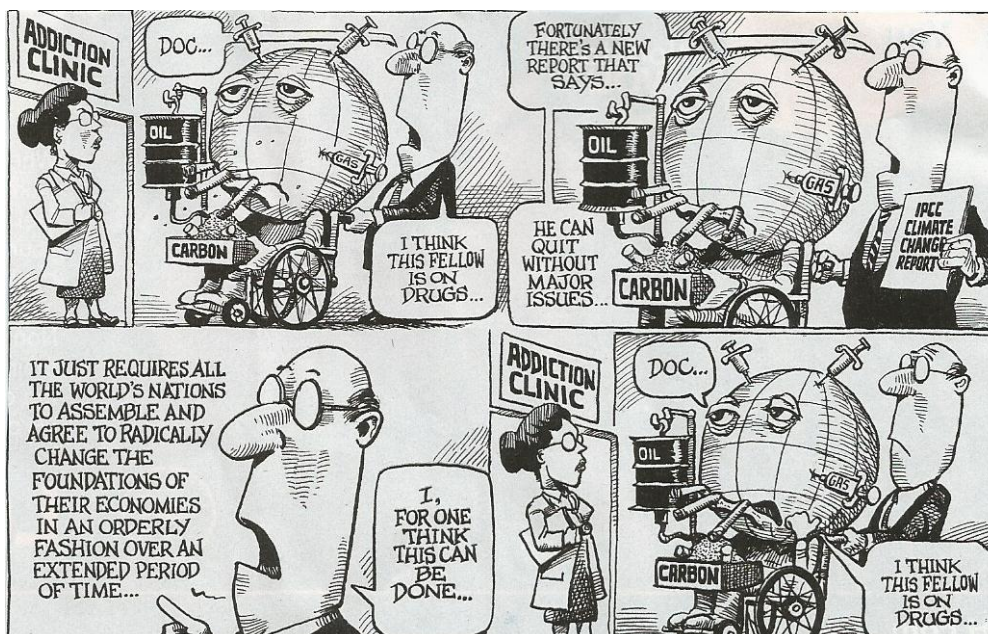
*Presidente da Fapesp, foi secretário do Meio Ambiente da Presidência da República

QUESTÃO 4

O autor do texto estabelece relações entre os diferentes acordo climáticos firmados entre os países do mundo desde a Convenção do Clima de 1992 (a Rio 92). Analisando o panorama histórico que ele traça – e levando em consideração apenas suas apreciações –, assinale a alternativa correta.

- a) A Convenção do Clima de 1992 não foi nada original, uma vez que a preocupação com a composição da atmosfera já era o foco das ações governamentais em vários países do mundo.
- b) A Rio 92 teria fracassado como acordo internacional, uma vez que menos da metade dos países do mundo enviou seus representantes àquela convenção.
- c) Por conta de ter sediado a Convenção de 1992, o Brasil assumiu para si a responsabilidade de implementar projetos ambientais que, de forma inequívoca, representam um esforço no sentido de conter a emissão de gases poluentes e a devastação de suas florestas.
- d) O autor avalia o sucesso do Protocolo de Kyoto como superior ao da Convenção do Rio, uma vez que o primeiro conseguiu impor metas claras e objetivas a todos os países do mundo e o segundo nem sequer obteve o aval dos países desenvolvidos.
- e) Para o autor, o governo brasileiro é muitas vezes dúbio na implementação dos acordos climáticos, esquivando-se de sua responsabilidade sob a justificativa de que o desenvolvimento econômico é mais importante. Além disso, segundo o autor, o Brasil segue a tendência de atribuir aos países desenvolvidos os custos para diminuir as emissões de gases poluentes.

CHARGE 1 (THE ECONOMIST, 19 DE ABRIL DE 2014)



A charge retrata alguém chegando com um globo terrestre numa clínica para recuperação de drogados. No primeiro quadrinho, o personagem que chega com o globo numa cadeira de rodas afirma: “Doutora... Eu acho que esse sujeito está drogado...”

No segundo quadrinho, com o último Relatório Sobre Mudanças Climáticas lançado pelo IPCC neste ano, o mesmo personagem diz: “Felizmente, há um novo relatório que diz que ele pode sair dessa situação sem grandes problemas...”

“O relatório só exige que todas as nações do mundo reúnam-se e concordem em mudar radicalmente os fundamentos da sua economia de forma ordenada e por um longo período de tempo...”

“Eu, por exemplo, acho que isso pode ser feito...”

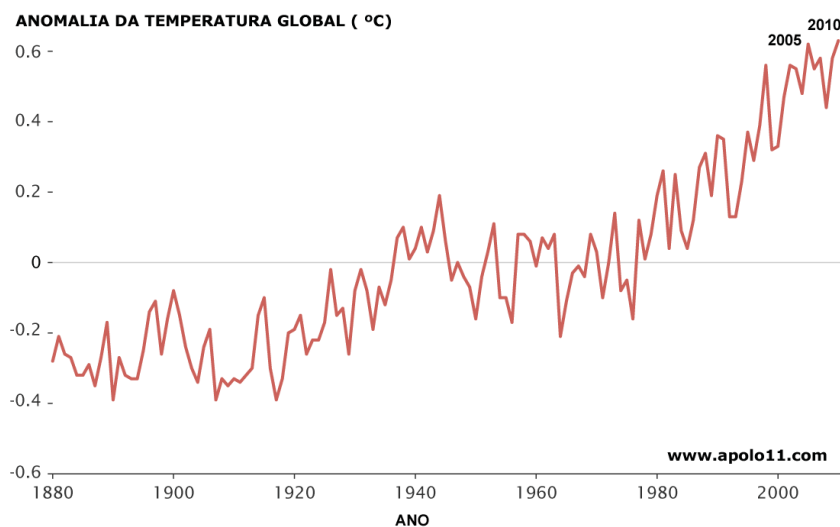
Diante dessa fala, no último quadrinho, é o globo quem afirma: “Doutora, eu acho que esse sujeito está drogado...”

QUESTÃO 5

Relacione o conteúdo da charge com as informações e opiniões manifestadas nos textos e assinale a alternativa ERRADA.

- O autor do texto 1 (*Le Monde Diplomatique*) manifesta uma opinião que não se distancia muito da representação que o cartunista faz da situação de nosso Planeta.
- O cartunista manifesta um grau de pessimismo que se contrapõe ao diagnóstico otimista veiculado por todos os textos.
- O conteúdo da fala do homem da charge está de acordo com o diagnóstico feito pelo autor do texto 2 (reportagem sobre o Acordo de Paris). Isso porque ambos (conteúdo e diagnóstico) evocam a possibilidade de entendimento entre as nações em torno das questões ambientais.
- A fala do globo na charge manifesta um pessimismo que não se coaduna com as comemorações entre os signatários do Acordo de Paris.
- Em parte, podemos afirmar que a saída dos EUA do Acordo de Paris reitera o ceticismo manifestado pelo globo na charge.

GRÁFICO



QUESTÃO 6

Relacione as informações do gráfico com as presentes nos textos 1 (*Le Monde Diplomatique*) e 4 (*O Estado de São Paulo*) e assinale a alternativa ERRADA.

- a) As informações do gráfico não se coadunam com as mencionadas nos dois textos. Ambos os autores dos textos contrapõem-se de forma radical aos dados do gráfico.
- b) Os dados do gráfico sobre o aumento de temperatura estão mais de acordo com as afirmações do autor do texto 1 do que as do autor do texto 4.
- c) Assim como o gráfico, o autor do texto 1 usa como baliza temporal para medir o aumento do aquecimento global o ano de 1880. Para o autor do texto, essa data é considerada como razoável para estabelecer o fim da era Pré-Industrial.
- d) O autor do texto 4 oferece uma informação sobre o aumento de temperatura nos últimos séculos que é superior à expressa no gráfico e no texto 1.
- e) Nenhuma das alternativas está errada.